

**NOTAS SOBRE A TEORIA CRÍTICA DE ROBERT W. COX, A
REVOLUÇÃO PASSIVA, O DESENVOLVIMENTO DESIGUAL E
COMBINADO E OS TEMPOS HISTÓRICOS**

*NOTES ON ROBERT W. COX'S CRITICAL THEORY, PASSIVE
REVOLUTION, UNEVEN AND COMBINED DEVELOPMENT AND
HISTORICAL TIMES*

*NOTAS SOBRE TEORÍA CRÍTICA DE ROBERT W. COX, REVOLUCIÓN
PASIVA, DESARROLLO DESIGUAL Y COMBINADO Y TIEMPOS
HISTÓRICOS*

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos¹

RESUMO: O problema é: como avaliar inicial e sumariamente a temática da temporalidade histórica na teoria crítica de Robert W. Cox e suas eventuais aproximações com as questões das diferentes temporalidades ligadas às categorias de desenvolvimento desigual e combinado de Trotsky e de revolução passiva de Gramsci na temática especificamente internacional? A hipótese é: a perspectiva metodológica dualista como tradução das temporalidades empregada por Cox empobrece as possibilidades avaliativas da história no plano internacional, distanciando-se da perspectiva gramsciana de hegemonia e de revolução passiva, com o qual o autor canadense dialoga, e da perspectiva de desenvolvimento desigual e combinado, com a qual Cox parece dialogar, ao menos, de forma oculta, parcial e talvez indireta, sem um nexo intelectual mais específico. Emprega-se uma revisão bibliográfica e uma abordagem centrada metodologicamente nas possibilidades de tradução, em termos gramscianos, e na perspectiva dualista de Cox.

¹ Docente da Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Marília. ORCID: 0000-0002-5542-2812. Bolsista Produtividade do CNPq nível 2.

PALAVRAS-CHAVE: temporalidades, revolução passiva, desenvolvimento desigual e combinado.

ABSTRACT: The problem is: how is it possible evaluate initially and summarily the theme of historical temporality in Robert W. Cox's critical theory and its possible approximations with the questions of different temporalities linked to Trotsky's and Gramsci's categories of unequal and combined development and passive revolution in the specifically international theme? The hypothesis is: the dualistic methodological perspective as a translation of temporalities employed by Cox impoverishes the evaluative possibilities of history at the international level, distancing itself from the Gramscian perspective of hegemony and passive revolution, with which the Canadian author dialogues, and from the perspective of uneven and combined development, with which Cox seems to dialogue, at least in a hidden, partial and perhaps indirect way, without a more specific intellectual nexus. It employs a literature review and an approach focused methodologically on the possibilities of translation, in Gramscian terms, and in the Cox's dualistic perspective.

KEY WORDS: temporalities, passive revolution, uneven and combined development.

RESUMEN: El problema es: cómo evaluar inicial y sumariamente la temática de la temporalidad histórica en la teoría crítica de Robert W. Cox y sus eventuales aproximaciones con las cuestiones de las diferentes temporalidades ligadas a las categorías de desarrollo desigual y combinado de Trotsky y de revolución pasiva de Gramsci en la temática específicamente internacional? La hipótesis es: la perspectiva metodológica dualista como traducción de las temporalidades empleada por Cox empobrece las posibilidades evaluativas de la historia en el plano internacional, distanciándose de la perspectiva gramsciana de hegemonía y de revolución pasiva, con el cual el autor canadiense dialoga, y de la perspectiva de desarrollo desigual y combinado, con la cual Cox parece dialogar, al menos, de forma oculta, parcial y quizás indirecta, sin un nexo intelectual más específico. Se emplea una revisión bibliográfica y un enfoque centrado metodológicamente en las posibilidades de traducción, en términos gramscianos, y en la perspectiva dualista de Cox.

PALABRAS CLAVE: temporalidades, revolución pasiva, desarrollo desigual y combinado.

INTRODUÇÃO

As diferentes temporalidades e graus de desenvolvimento capitalista no âmbito global já eram pontos analisados por Gramsci nos seus escritos pré-carcerários (GRAMSCI apud MORTON, 2007b, p. 1). Tal preocupação continuou nos seus escritos carcerários. Mencionem-se algumas formulações a título de exemplificação. Os desencontros entre as temporalidades envolvendo as estruturas e superestruturas no que se refere às diferentes dimensões de desenvolvimento do Estado nos níveis nacional e internacional (GRAMSCI apud BIANCHI, 2008, p. 173-175) como um contraponto à concepção de mundo burguesa que via o Estado como um mero esquema derivado da análise econômica (GRAMSCI, 1977, Q2/II, §61, p. 1360). Diferentes camadas de experiência histórica formam uma pessoa em termos de uma organização instável de tendências moleculares conflitantes, tempos, intensidades e durações (THOMAS, 2017, p. 290) na sua obra. Temporalidades distintas de transformações históricas perpassaram inúmeras avaliações históricas elaboradas por Gramsci, compondo aspecto de uma de suas formulações centrais, a análise de situações em termos de relações de força nos níveis nacional e internacional, formam a sua metodologia histórica (GRAMSCI, 1977, p. 1578-1589). Também as relações internacionais podem ser vistas, conforme o sardo, como um processo pedagógico. Nacional e internacional se entrelaçam e interagem de diferentes formas, criando novas combinações originais e historicamente concretas. Ademais, nesses processos em que nacional e internacional estão organicamente ligados, as classes hegemônicas buscam com que o tempo histórico não se desdobre numa explosão revolucionária de tipo jacobino e radical. Isso tomaria forma nos processos desiguais de revolução passiva que pautaria a análise de processos históricos pós-1789, como possíveis desdobramentos das hipóteses sugeridas por Gramsci nos cadernos carcerários.

Perspectivas sincrônicas e diacrônicas do tempo histórico inspiradas na leitura de Fernand Braudel (1978) perpassaram as avaliações sobre o internacional na obra de Robert W. Cox, um leitor de Gramsci voltado para o além-fronteiras que mais se notabilizou nessa perspectiva internacionalista.

Neste esteio, conforme já apontava Trotsky a propósito de diversos tempos na história, o ritmo desigual é a sua lei mais importante, ocorrendo em maior medida nos destinos dos Estados menos adiantados (TROTSKY, 1977, p. 25). Por outras palavras, formas avançadas e atrasadas se amalgamam nas diferentes velocidades de transformação das distintas dimensões, manifestações históricas e espacialidades da vida. A absorção por um país atrasado das conquistas materiais e ideológicas dos países avançados sem que isto seja uma reprodução completamente fiel do passado dos países mais desenvolvidos (TROTSKY, 1977, p. 24). Desdobra-se disto a possibilidade do país atrasado atravessar uma série de etapas intermediárias, no contexto da famosa frase de Trotsky sobre a categoria do desenvolvimento desigual e combinado: “Renunciam os selvagens ao arco e à flecha e tomam imediatamente o fuzil, sem que necessitem percorrer as distâncias que, no passado, separaram estas diferentes armas” (TROTSKY, 1977, p. 24). A análise em pauta de Trotsky referiu a um processo histórico de acelerado desenvolvimento de alguns centros na Rússia em termos industriais e urbanos, amalgamados com um caráter muito pouco desenvolvido do conjunto majoritariamente rural da maior parte do país no contexto do conflito interimperialista que culminou na Primeira Guerra Mundial. Tal perspectiva se reveste da maior importância para uma análise holista que contemple nacional e internacional, não confinando a análise neste último nível como normalmente fazem as teorias hegemônicas internacionalistas.

Todas essas formulações dão ensejo à questão central deste texto: como avaliar inicial e sumariamente a temática da temporalidade histórica na teoria crítica de Robert W. Cox e suas eventuais aproximações com as questões das diferentes temporalidades ligadas às categorias de desenvolvimento desigual e combinado de Leon Trotsky e de revolução passiva de Antonio Gramsci na temática especificamente internacional? Procurar-se-á demonstrar a hipótese de que uma perspectiva metodológica dualista como tradução e ressignificação das temporalidades empregada por Cox empobrece as possibilidades avaliativas da história no plano internacional, distanciando-se da perspectiva gramsciana de hegemonia e de revolução passiva, com o qual o autor canadense dialoga, e da perspectiva de desenvolvimento desigual e combinado, com a

qual o ex-dirigente da Organização Internacional do Trabalho parece dialogar, ao menos, de forma oculta, parcial e talvez indireta, sem um nexu intelectual mais específico.

O plano do texto seguirá uma ordem. Em primeiro lugar, a forma pioneira como Leon Trotsky elaborou sua perspectiva do desenvolvimento desigual e combinado. Em segundo lugar, a maneira sumária como Gramsci elaborou alguns de seus aspectos sobre as temporalidades da revolução passiva. Em terceiro lugar, a perspectiva coxiana de temporalidades, suas reflexões a partir de Fernand Braudel e sobre o tema do tempo histórico, bem como a questão do desenvolvimento desigual. Os argumentos conclusivos resumirão o texto.

A perspectiva metodológica que orienta este texto se compõe de duas partes. No concernente às técnicas de pesquisa, ela será majoritariamente uma revisão bibliográfica buscando abordar a questão em tela. Em relação às consequências das referências teóricas e interpretativas adotadas, a obra de Cox e de Gramsci, no tocante ao problema em tela, tomará por base a tradução (em sentido gramsciano e a ele relacionado). Por outras palavras, refere-se sobre a forma como formulações são ressignificadas, assimiladas sob uma perspectiva guardando nexos com o sentido original (GRAMSCI, 1977, p. 469, 849, 1468). Seja na perspectiva rica, orgânica, profunda do materialismo histórico (ou filosofia da práxis no dizer gramsciano), seja em perspectivas distintas dos referenciais marxistas. As perspectivas metodológicas específicas de Cox dizem respeito ao seu dualismo que pauta a forma como efetua a leitura e tradução de vários autores, entre eles Gramsci e Braudel, que compõem o escopo deste texto. A perspectiva de leitura e de tradução de vários autores que compõem o pensamento de Cox passa por uma perspectiva reducionista de caráter dualista. Tais perspectivas metodológicas coxianas também comporão o argumento referente a sua tradução específica destes autores.

TROTSKY: DESIGUAL E COMBINADO

As diferenças de ritmo, de velocidade das transformações das diversas dimensões da vida são amalgamadas num todo combinado que liga dialeticamente nacional e internacional. Talvez isto resuma e expresse, por outras palavras, a perspectiva originária

de Trotsky sobre o tema a ser apresentada sumariamente a seguir, referencialmente ligado ao processo histórico da Rússia do final do século XIX e do início do século XX.

O ponto de partida, mencionado acima, foi a desigualdade do ritmo da história. Desdobra-se de tal desigualdade do ritmo a lei do desenvolvimento combinado. Por outras palavras, a proximidade das distintas etapas de forma a combiná-las, amalgamando as formas arcaicas com as congêneres modernas para entender a trajetória histórica russa e todos os países chamados à civilização nas diferentes linhas de mudança da vida como um todo.

Neste esteio, o Estado russo absorvia uma parte proporcionalmente maior da riqueza em comparação com o Ocidente, fragilizando as massas a uma redobrada miséria e enfraquecendo também as bases das classes abastadas. A resultante disto: “as classes privilegiadas, burocratizadas, jamais conseguiram erguer-se em toda a sua pujança, e o Estado russo não fez senão aproximar-se ainda mais dos regimes mais despóticos da Ásia” (TROTSKY, 1977: p. 25). Em boa medida, isto explica o desenvolvimento feudal ter atingido sua plenitude apenas no século XVIII, com sua abolição apenas em 1861 (TROTSKY, 1977, p. 25-26).

A lei do desenvolvimento combinado aparece de forma mais precisa no perfil tardio da indústria russa, que não teve seu trajeto pontuado pelos mesmos delineamentos do caminho percorrido dos países atrasados. A Rússia percorreu com extrema rapidez a industrialização, tendo dobrado sua produção entre 1905 e a Primeira Guerra Mundial ao mesmo tempo que a condição geral mais atrasada do país possibilitava tal trajetória (TROTSKY, 1977, p. 28).

As pressões externas, a “chicotada externa” referida por Trotsky, em particular da Europa mais rica, contribuíram para a aceleração do desenvolvimento industrial russo entre 1905 e 1917, financiado e dependente por parte do capital financeiro da Inglaterra, Bélgica, Alemanha e França. No período em questão, a produção industrial da Rússia quase dobrou (TROTSKY, 1977, p. 28-29).

Por oposição a esta abordagem, a perspectiva hegemônica das relações internacionais, em várias das suas expressões teóricas, acentua de forma mecânica os

Estados como se fossem coesos, homogêneos, monolíticos e uniformes, análogos a “bolas de bilhar” numa perene anarquia (ausência de soberania acima dos Estados) cíclica de equilíbrio e de desequilíbrio de poder entre os Estados no sistema internacional. Uma história alternativa a partir do desenvolvimento desigual e combinado possibilitaria captar todas as diferentes dimensões, distintos tempos e conflitos endógenos dos Estados com distintas linearidades e sem padronização, inserida numa totalidade combinada em termos da multiplicidade societal (ROSENBERG, 2016) no plano internacional sem jamais haver a repetição². Em termos analíticos internacionalistas, o desenvolvimento desigual e combinado poderia servir também como uma alternativa aos enfoques tradicionais em termos de uma abordagem centrada na multiplicidade de tempos em perspectivas, em substituição ao predomínio ontológico e epistemológico da Ciência Política³. Esta elaboração preliminar de Trotsky proporciona elementos de desenvolvimento nesta direção, que se desdobrou em várias contribuições visando captar a unidade referida entre nacional e internacional⁴. Todavia, isto passa longe de sugerir uma perspectiva transistórica que tudo explique e tudo seja analisado mecanicamente à luz desta categoria. Do contrário, ela perde de vista a sua especificidade histórica e a própria lógica da diversidade dos tempos históricos (BIELER; MORTON, 2021, p. 61).

Apontem-se elementos conclusivos parciais. A desigualdade do ritmo e do tempo histórico pode ser uma importante ferramenta analítica a fim de captar as distintas velocidades das diferentes dimensões da vida na unidade dialética nacional-internacional, desde que não se situe de forma a-histórica ignorando as especificidades dos vários processos em tela.

² Como foi proposta, a título de exemplificação, por ROSENBERG, 1996.

³ Tal como ROSENBERG (2016) argumentou inicialmente.

⁴ Por exemplo: ALLINSON, ANIEVAS, 2011; BIELER; MORTON, 2021; MORTON, 2007a, 2007b, 2011; ROSENBERG, 1996 e 2016; THOMAS, 2015.

GRAMSCI E OS TEMPOS DA REVOLUÇÃO PASSIVA NO PLANO INTERNACIONAL: UM ESBOÇO

As possibilidades de discussão sobre as temporalidades que envolvem a revolução passiva e suas distintas manifestações históricas são inúmeras, dado que Gramsci entendeu, em termos de hipótese, que ela poderia explicar vários processos históricos posteriores à Revolução Francesa (GRAMSCI, 1977, p. 504, 1504), como parte também de um esforço das classes tradicionais de bloquear o advento de uma vontade coletiva revolucionária e de uma conformação de um sistema internacional de equilíbrio passivo. O historicismo absoluto que pauta a elaboração gramsciana está longe de torná-la uma categoria de cunho transistórico, que se aplica automática e generalizadamente a qualquer processo histórico, sob pena, inclusive, de nada explicar.

Trabalha-se neste texto a perspectiva de que o tempo histórico de transformação pode assumir várias velocidades no tocante à unidade orgânica entre nacional e internacional. Na medida em que algumas hipóteses de Gramsci sobre a revolução passiva enquanto uma modernização conservadora como contraposição a uma transformação radical e profunda, os vários tempos da passivização combinada com mudanças pontuais para a manutenção do *status quo*. Considerando o caráter incompleto e não sistemático das elaborações carcerárias gramscianas, é provável que ele tivesse a intenção de desdobrar tais análises sobre os processos históricos em nível internacional a partir das possibilidades nas quais ele apontou a hipótese de uma revolução passiva, desdobrando-se, assim em diferentes temporalidades, velocidades das transformações nas dimensões interna e do além-fronteiras.

Como exemplo, os distintos processos históricos de revolução passiva da hegemonia estadunidense de conteúdo fordista, com suas traduções singulares no nível internacional, coexistiram simultaneamente no final da década de 10 do século XX com a hegemonia em sentido pleno, de profunda e radical transformação e concretização de uma vontade coletiva, na Revolução de Outubro de 1917 na Rússia. Portanto, a particularidade histórica pode dar ensejo ao desencontro entre a revolução passiva, sua recepção e ressignificação em termos próprios no plano internacional com suas

manifestações próprias, e as possibilidades de radical transformação como hegemonia plena.

Na obra carcerária gramsciana, a ênfase recai sobre os processos nacionais e seus respectivos Estados. Poucos estudos, desdobrados e traduzidos da perspectiva do sardo focaram a perspectiva internacional em suas possibilidades desiguais (GRAY, 2022, p.7-8). Os processos em questão não podem ser simplesmente avaliados em termos de uma mera internacionalização em termos de forças e organizações transnacionais com uma simples transposição das categorias para o além-fronteiras (GRAY, 2002, p. 6). A propósito disso e à guisa de exemplificação, a unidade de referência nacional que pauta categorias como o bloco histórico e a sociedade civil (atada organicamente ao Estado na definição de Gramsci) demandaria um esforço de tradução, de ressignificação que necessariamente contemplaria a temporalidade histórica específica de sua dinâmica de transformação, guardadas as especificidades. Por exemplo, a existência de um Estado internacional atado a uma sociedade civil internacional seria uma dificuldade categorial desta mera transposição não vislumbrada por Cox (1999a, p. 27) e por outros autores que buscaram transpor tais categorias para o nível internacional⁵. As particularidades nacionais referentes aos nexos, traduções e distintas temporalidades que perpassam a relação entre estrutura e superestrutura nos âmbitos nacionais dos Estado colocaria outra ordem de dificuldade para criar uma categoria coxiana única de um bloco histórico internacional (COX, 1987, p. 244). Ressalte-se, embora pareça óbvio, que Gramsci não cunhou tais categorias nos termos mencionados que os autores buscam transpô-las para o além-fronteiras.

Ainda em termos de tradução, talvez Gramsci tivesse a intenção de abordar a forma como a nascente hegemonia estadunidense de conteúdo fordista enquanto hipótese de revolução passiva se traduzisse internacionalmente.

Enquanto um processo histórico de hegemonia “fracassada”, no dizer de Thomas (2018, p. 186) como uma trajetória em que as classes hegemônicas não detêm o consenso das grandes massas para o seu projeto, a revolução passiva contrasta com a forma

⁵ Citem-se, por exemplo, MURPHY, 1994 e RUPERT, 2007, p. 115.

completa de hegemonia em termos de uma velocidade mais lenta de transformação. Uma modernização conservadora que pode assumir vários formatos em termos de cooptação de demandas e setores subalternos sem que eles efetivamente tenham protagonismo é um processo, em tese, de uma velocidade e temporalidade histórica muito mais longa e lenta do que a explosão coletiva radical de tipo jacobino em termos de sua ocorrência.

A título de conclusão parcial, o nexos entre nacional e o internacional em termos de inúmeras diferentes temporalidades, em função de Gramsci não trabalhar a repetição e a analogia históricas, requer uma acurada atenção com a perspectiva específica de sua elaboração categorial e a forma como elas se traduzem de forma completamente única e holista nas suas diferentes manifestações nacionais e internacionais.

COX E SUAS TRADUÇÕES SOBRE AS TEMPORALIDADES, O DESENVOLVIMENTO DESIGUAL E A REVOLUÇÃO PASSIVA

O incerto diálogo – ou talvez oculto - com a perspectiva de Trotsky por parte de Cox aparece em passagem na qual o autor canadense analisa de forma mais ampla a internacionalização da produção como parte da globalização. De forma mais específica, refere a uma nova divisão internacional do trabalho que cria um “padrão de desenvolvimento desigual”. Nesta brevíssima análise, o autor dá notícia da inadequação da perspectiva de um “Terceiro Mundo” como referência analítica na medida em que alguns países alocados em tal classificação se tornaram exportadores de manufaturas e recursos energias (notadamente energia) e outros deste rótulo mergulharam em processo irrecuperável de profunda pobreza, demandando assistência e foco na contenção de rebeliões (COX, 1999e: p. 193), pertencente ao que chama de um “Quarto Mundo”. A análise coxiana sobre este tema é bastante incipiente e não se alonga ou mesmo parece encontrar par em outras passagens de sua obra. Não há elementos suficientes para se avaliar se Cox de fato se valeu da categoria em tela de Trotsky como mais um movimento de sua tradução e de seu assumido tributarismo parcial em relação ao marxismo (COX apud SCHOUTEN, 2010, p. 3).

Há algumas menções de Cox ao longo de sua obra a Braudel⁶ sem especificar de forma aprofundada a maneira como a tradução coxiana do historiador é efetuada. O cientista político canadense reconhece a incidência de múltiplas dimensões (linguísticas, culturais, percepções intersubjetivas etc) sobre as estruturas históricas de longa duração, que Cox (2013, p. 317) credita ao historiador francês como uma perspectiva diacrônica de possível transformação. A *longue durée* se liga a possibilidades de mudança sobre o modo de pensar, as estruturas econômicas, bem como alterações nas populações (COX, 2018, p. 160). Algo relacionável também ao que considerou como uma característica central das teorias críticas das relações internacionais. Tais teorias teriam como escopo uma totalidade de variáveis em termos de interação desigual e não esquemática entre instituições, ideias e capacidades materiais e envolvendo também forças sociais, formas de Estado e ordens mundiais (COX, 1999d: p. 98-101). Tais teorias lidariam também com o aspecto “interno” da história. Qual seja, referente ao modo de vida, a substância do pensamento que percebe o mundo, motiva a história. Trata-se do caminho no qual as vontades humanas se combinam através das instituições para motivar os povos a fazer a história. Dito desta forma, existe, em tese, um campo aberto para distintos tempos de causalidade, mudanças históricas e dinâmicas de vários tipos com a unidade entre processos históricos nacionais e internacionais.

Por oposição, a dimensão sincrônica, referente aos eventos e de continuidade e de domínio de algumas estruturas se relacionaria ao caráter perene, duradouro da história. Cox, a partir de sua leitura de Braudel, chama isso de *événementiel*, o tempo dos eventos. A convergência de forças que moldam e limitam os eventos, mais complexa que o tempo dos eventos, seria a *conjuncture*. Esses componentes se aproximariam do “eterno presente” que marcaria as teorias tradicionais das relações internacionais, chamadas por Cox de teorias *problem-solving*. As teorias tradicionais, delimitadas em escopo para resolução de problemas pontuais da realidade que buscam reafirmar o presente, a manutenção do *status quo*, recortar o escopo da realidade para resolver um problema e lidar com o mesmo sem ênfase nas mudanças. De acordo com tais perspectivas, dentre

⁶ Por exemplo, cite-se COX, 1999c, p. 51 e 55; 1999d, p. 86; 1999g, p.149; 1999e, p. 177; 2013, p. 38, 172, 275, 309, 317, 329.

elas aquela que Cox chama de positivista, a história é tratada na sua perspectiva externa, a saber, aqueles aspectos observáveis tais como população, recursos, capacidades materiais, poder econômico, ações dos governos e das pessoas (COX, 2010, p. 4).

Conforme Cox (2018, p. 162), o conflito entre as dimensões sincrônica e diacrônica se constitui na questão mais importante da nossa época. Em outras palavras e a título de exemplificação do autor canadense, a manutenção da continuidade dos ditames financistas e neoliberais da Europa no contexto da crise iniciada em 2008 e do modo como está caracterizada a assim chamada “inevitabilidade” da “globalização”.

Este dualismo metodológico – crítica e *problem-solving* -, noções associadas respectivamente à perspectiva diacrônica e sincrônica dos tempos históricos que marca sua leitura e tradução de Braudel e também um eco da maneira como classifica as distintas teorias internacionalistas reverbera, em certo sentido, também na sua apropriação de Gramsci, tal como ver-se-á a seguir.

O dualismo que refere à crítica e a sua ausência, como *problem-solving*, na caracterização das teorias, se desdobra na hegemonia e na sua ausência de diferentes formas. Ordens mundiais sem hegemonia e coalizões contra-hegemônicas seriam exemplos de pares que conformam o dualismo metodológico que se expressa em hegemonia e contra-hegemonia e hegemonia e ausência de hegemonia. Nesta última se situa a tradução coxiana de revolução passiva.

A revolução passiva é apresentada de diferentes formas por Cox. Uma delas diz respeito ao contexto de ideias da elite de uma certa sociedade que se desconectam, não penetram na sociedade e no seu povo (COX, 2014, p. 164). Outra possibilidade diz respeito a sociedades autoritárias sem qualquer traço de hegemonia. Em linhas gerais, segundo Cox (2007), onde há hegemonia não há revolução passiva. Seriam casos de uma base instável de organização do Estado, com uma base autoritária dentro da organização estatal sem qualquer hegemonia estabelecida ou que nenhuma classe dominante teria conseguido atingir o caráter de *hegemon* (COX, 1999a, p. 130-131; 1987, p. 218). Iraque e Afeganistão seriam exemplares de sociedades com este perfil de revolução passiva

(COX, 2013, p. 352). Fica entendido, portanto, o confinamento da categoria ao plano nacional na abordagem coxiana como outro ponto que difere sua abordagem em relação àquela de Gramsci.

Como conclusão parcial, contata-se que o dualismo metodológico coxiano que perpassa a tradução de Braudel em termos de tempos históricos e a classificação das teorias internacionalistas também incide de forma bem reducionista sobre a interpretação da revolução passiva. O sentido originário gramsciano sugere uma enorme riqueza que entrelaça de forma dinâmica internacional e nacional com inúmeras possibilidades de avaliação da hegemonia não aparece na elaboração do cientista político canadense, que a confina às sociedades nacionais em que não haveria hegemonia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se ao longo deste texto esboçar análises que mostrem algumas das possibilidades de se trabalhar a variedade de tempos históricos que perpassam inúmeros aspectos de uma unidade dialética referente a nacional e internacional a partir das categorias de desenvolvimento desigual e combinado e de revolução passiva. Ao mesmo tempo, buscou-se desdobrá-las para a leitura de Robert W. Cox nas formas como o autor trabalha o tempo histórico, que acompanha um dualismo presente na forma de entender tal tempo, a categoria de hegemonia e as teorias de relações internacionais.

O dualismo em questão empobrece a forma como pode-se trabalhar o tempo histórico e as várias possibilidades históricas do sentido restrito de hegemonia enquanto revolução passiva.

Gramsci esboçou a possibilidade de entender vários processos históricos e seus diferentes tempos a partir da categoria de revolução passiva. Esta categoria seria, segundo Cox, excludente em relação à categoria hegemonia. Segundo Cox, hegemonia e revolução passiva seriam excludentes entre si. Gramsci entendeu a revolução passiva como a forma incompleta da hegemonia.

Outra diferença em relação ao sentido original gramsciano seria a possibilidade de localizar histórica e especificamente a hegemonia em todos os conflitos e processos históricos enquanto um embate de distintas concepções de mundo. Não existiria a hegemonia e seu contrário, enquanto uma ausência ou revolução passiva.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, A. **O Laboratório de Gramsci: filosofia, história e política**. São Paulo: Alameda, 2008.

BIELER, A.; MORTON, A. Interloções com a revolução passiva. **Revista Novos Rumos**, v. 58, n. 1, p. 61-77, 2021.

BRAUDEL, F. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

COX, R. W. Book review: Unravelling Gramsci: Hegemony and passive revolution in the global political economy by Adam David Morton. **Capital & Class**, v. 93, p. 258-261, 2007.

COX, R. W. Critical theory. In: WEISS, T. G.; WILKINSON R. (org.). **International Organization and Global Governance**. New York: Routledge, 2014, p. 157-168.

COX, R. W. Gramsci, hegemony, and international relations: an essay in method. In: COX, R. W.; SINCLAIR, T. J. (org.). **Approaches to World Order**. Cambridge: Cambridge University, 1999a, p. 124-143.

COX, R. W. Historicity and international relations: a tribute to Wang Gungwu. In: YONGNIAN, Z. (org.). **China and International Relations – The Chinese view and contribution of Wang Gungwu**. New York: Routledge, 2010, p. 3-16.

COX, R. W. **Production, power, and world order: Social forces in the making of history**. New York: Columbia University, 1987.

COX, R. W. Civil society at the turn of the millenium: prospects for an alternative world order. **Review of international studies**, v. 25, n. 1, p. 3-28, 1999b.

COX, R. W. Realism, positivism, and historicism. In: COX, R. W.; SINCLAIR, T. J. (org.) **Approaches to world order**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999c, p. 49-59.

COX, R. W. Social forces, states, and world orders: beyond international relations theory. In: COX, R. W.; SINCLAIR, T. J. (org.) **Approaches to world order**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999d, p. 85-123.

COX, R. W. “Take six eggs”: theory, finance, and the real economy in the work of Susan Strange. In: COX, R. W.; SINCLAIR, T. J. (org.). **Approaches to world order**, New York: Cambridge University, 1999e, p. 174-189.

COX, R. W. The global political economy and social choice. In: COX, R. W.; SINCLAIR, T. J. (org.). **Approaches to world order**, New York: Cambridge University, 1999f, p. 191-208.

COX, R. W. Towards a posthegemonic conceptualization of world order: reflections on the relevancy of Ibn Khaldun. In: COX, R. W.; SINCLAIR, T. J. (org.). **Approaches to world order**, New York: Cambridge University, 1999g, p. 144-173.

COX, R. W. **Universal foreigner: the individual and the world**, New Jersey: World Scientific, 2013.

GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere: edizione a cura di Valentino Gerratana**. Torino: Einaudi, 1977.

GRAY, K. Revolution and restoration in post-war East Asia: A Gramscian approach to the ‘history problem’. **Capital & Class**, p. 1-22, 2022.

MORTON, A. A Geopolítica do Sistema de Estados e o Capitalismo Global em Questão. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 29, nov. 2007a, p. 45-62.

MORTON, A. **Unravelling Gramsci – Hegemony and Passive Revolution in the Global Political Economy**, London: Pluto, 2007b.

MORTON, A. **Revolution and State in Modern Mexico**, Lanham: Rowman & Littlefield, 2011.

MURPHY, C. N. **International organization and industrial change – Global Governance since 1850**, Cambridge: Polity Press, 1994.

ROSENBERG, J. International relations in the prison of Political Science. **International Relations**, v. 30, n. 2, p. 127-153, 2016.

ROSENBERG, J. Isaac Deutscher and the lost history of international relations. **New Left Review**, n. 215, p. 3-14, 1996.

RUPERT, M. Alienação, capitalismo e sistema inter-Estados: rumo a uma crítica marxista/gramsciana. In: GILL, Stephen (org.). **Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais**, Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p. 125-156.

SCHOUTEN, P. **Theory Talk #37: Robert Cox on World Orders, Historical Change, and the Purpose of Theory in International Relations**. 12 de março de 2010. Disponível em: <http://www.theorytalks.org/2010/03/theory-talk-37.html>. Acesso em 14 set 2010.

THOMAS, P. “A virada de Moscou”: o diálogo entre Gramsci e os bolcheviques. **Revista Outubro**, v. 30, p. 173-189, 2018.

THOMAS, P. The plural temporalities of hegemony. **Rethinking Marxism**, v. 29, n. 2, p. 281-302, 2017.

THOMAS, P. A Primeira Guerra Mundial e as teorias marxistas da revolução. **Revista Outubro**, n. 25, p. 6-34, 2015.

TROTSKY, L. **A História da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, volume 1.

Recebido em 24 de janeiro de 2023

Aceito em 1 de junho de 2023

Editado em junho de 2023